

Os MUNDOS OITOCENTISTAS



Copyright © 2020, Arthur Ferreira Reis (Org.).

Copyright © 2020, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, Lj. 01, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29060-700.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

Distribuição nacional em: www.amazon.com.br

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Bruno César Nascimento

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU)
Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP)
Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS)
Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG)
Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS)
Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto)
Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP)
Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University)
Prof^a. Dr^a. Helena Miranda Mollo (UFOP)
Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES)
Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES)
Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS)
Prof^a. Dr^a. Karina Anhezini (UNESP - Franca)
Prof^a. Dr^a. Maria Beatriz Nader (UFES)
Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP)
Prof^a. Dr^a. Rebeca Gontijo (UFRJ)
Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR)
Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP)
Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo (UFOP)
Prof^a. Dr^a Verónica Tozzi (Universidad de Buenos Aires)

ARTHUR FERREIRA REIS
Organizador

OS MUNDOS OITOCENTISTAS
pesquisas e reflexões sobre o Brasil do século XIX



EDITORA MILFONTES

Vitória, 2020

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa

Imagem da capa:

Autor: não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual

Arí Thiersch Souza - *Aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração

Bruno César Nascimento

Impressão e Acabamento

Maxi Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M965 Os mundos oitocentistas: pesquisas e reflexões sobre o Brasil do século XIX/ Arthur Ferreira Reis (organizador).
Vitória: Editora Milfontes, 2020.
166 p.: 23cm

ISBN: 978-65-86207-37-8

1. História do Brasil 2. Século XIX 3. Política I. Reis, Arthur Ferreira
II. Título.

CDD 981.04

Sumário

Prefácio	7
-----------------------	----------

Rodrigo Camargo de Godoi

Apresentação	11
---------------------------	-----------

O mundo das imagens e dos impressos

<i>Petas</i> Napoleônicas e a circulação de mentiras ao redor do mundo no oitocentos (1850 – 1860)	17
---	-----------

Cristiane Garcia Teixeira

Os “Quadros históricos da guerra do Paraguay”: produção e circulação na segunda metade do século XIX.....	35
--	-----------

Álvaro Saluan da Cunha

O mundo do trabalho

Escravidão e emancipação: o mundo do trabalho no pós-escravidão	55
--	-----------

Arthur Ferreira Reis

O mundo da magistratura

Cultura jurídica: uma discussão conceitual para a compreensão de sua formação e transformação no Estado brasileiro	73
---	-----------

Anna Luíza Sartorio Bacellar & Miryã Bregonci da Cunha Braz

As vicissitudes do projeto do Primeiro Código Civil Brasileiro.....	87
--	-----------

Leonardo Barros Souza

O mundo da política

A América Lusa, a Corte Joanina e os novos hábitos alimentares nos classificados da Gazeta do Rio de Janeiro: representações e disputas no cotidiano.....	109
--	------------

Fernando Santa Clara Viana Junior

**O projeto de Antonio Carlos de Andrada para os governos provinciais
na Assembleia Constituinte de 1823..... 127**

Cecília Siqueira Cordeiro

**Tornando-se brasileiro na província: o Espírito Santo no processo de
emancipação política do Brasil 149**

Fabíula Paulo de Freitas Manhães & Jorge Vinícius Monteiro Vianna

Prefácio

Comumente nos referimos à disciplina de História do Brasil do século XIX, como Brasil II. De modo geral, começo meus cursos de Brasil II com uma aula sobre a Ditadura Militar e os usos da memória relativa ao período imperial, sobretudo durante os festejos do sesquicentenário da Independência celebrados com entusiasmo em 1972, como bem demonstra o excelente livro de Janaína Martins Cordeiro.¹ Antes, no entanto, costumo projetar e discutir com a turma a *Carta do Império do Brasil*, mapa traçado e publicado pelo Coronel Jacob de Niemeyer, em 1846.² Após acender as luzes e apagar o projetor, caminho até o quadro e escrevo uma frase do *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa e peço à classe que,³ ao lê-la, considere substituir a palavra sertão pela palavra Império. Começamos então a formular os problemas que nos acompanharão até o fim do semestre. A frase é: “O sertão está em toda parte.”⁴

Creio não forçar a nota quando proponho que o Império é quase onipresente em nosso cotidiano e em nossas relações sociais. Seja em nossos símbolos, mitos e instituições, ou em nossas mais profundas contradições, como no racismo que nos assola. Em todo caso, por estar quase no limiar de uma peça de ficção, o mapa do Coronel Niemeyer é paradigmático para iniciarmos a conversa. A primeira carta geral do Império foi publicada logo no início do reinado de D. Pedro II, àquela altura dos acontecimentos um adolescente recém coroado por intermédio de um golpe levado a cabo pelos opositores do Regresso. Contrariando o mapa a pouco projetado na parede, naquele momento eram frágeis as garantias de que o Brasil teria os contornos que, com um ou outro retoque, são visíveis até hoje. Basta lembrarmos que em 1846, faziam poucos meses que os ânimos farroupilhas haviam sido apaziguados no Sul, sendo que, em breve, a Praieira faria novo estrondo no Norte, em Pernambuco.

Como melhor formulou Luís Felipe de Alencastro “o balaio de cocos provinciais atado ao cetro carioca sacudiu-se por décadas, ameaçando se esborrachar nas praias atlânticas, num ribombo parecido com o que ecoava no Pacífico quando implodiam os vice-reinos espanhóis”.⁵ Na contramão das

1 Cf. CORDEIRO, Janaina Martins. **A ditadura em tempos de milagre**: comemorações, orgulho e consentimento. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

2 Sobre o mapa: Cf. PEIXOTO, Renato Amado. A Carta Niemeyer de 1846 e as condições de leitura dos produtos cartográficos. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 19/20, jan./dez. 2004.

3 Cf. ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

4 *Ibidem*, p. 24.

5 ALENCASTRO, Luís Felipe de. Memórias da Balaia: Introdução ao Relato de Gonçalves de Magalhães. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 23, p. 7, mar. 1989. A “Memória” foi originalmente publicada na Revista do IHGB: Cf. MAGALHÃES, Domingo José Gonçalves de. Memória histórica e documentada da revolução da província do Maranhão desde 1839 até

repúblicas vizinhas, múltiplos arranjos acabariam por converter as antigas capitanias espalhadas pelos domínios portugueses na América em províncias conectadas à Corte Imperial do Rio de Janeiro, sede de uma vasta e exótica monarquia cuja independência política ocorrera em 1822. Arranjos que inviabilizaram uma fragmentação da qual poderia emergir sabe-se lá quantas repúblicas.

Todavia, tais acomodações não apenas asseguraram a unidade territorial, mas acabaram por sustentar o regime monárquico até um novo golpe, o de 15 de novembro de 1889. Não duvido que a manutenção do tráfico de africanos, ilegal desde 1831, até 1850 e, por conseguinte, a manutenção da escravidão até o 13 maio de 1888 estiveram no âmago desses arranjos. Afinal, tráfico transatlântico e escravidão de africanos e seus descendentes mantiveram-se como elementos estruturais de uma sociedade que, principalmente a partir de meados do século XIX, tornara-se a principal produtora mundial de café.

Não menos importante nesse processo foi a Guerra do Paraguai, bem como a consequente criação do Exército brasileiro. Por outro lado, já no âmbito da cultura, foi no século XIX que artistas e intelectuais trabalharam com afincos na construção de uma nacionalidade referenciada em determinada mitologia indianista que, por sua vez, contrastava drasticamente com a política indigenista oficial. Enquanto isso, as Faculdades de Direito de São Paulo e do Recife, ambas criadas em 1828, se ocupavam da formação dos quadros para os postos do Poder Judiciário e, por conseguinte, da política. A última configurando-se no sistema bicameral de inspiração inglesa, assim como nos inúmeros Gabinetes que se sucederam até o advento da República, sem contar o Conselho de Estado do Imperador, que, além do cetro, tinha nas mãos as prerrogativas constitucionais do Poder Moderador.

Fruto de pesquisas concluídas ou em andamento em diferentes Programas de Pós-Graduação em História espalhados pelo Brasil, o livro que os leitores têm em mãos privilegia o estudo de alguns desses arranjos que franquearam a formação e consolidação do Império. Os autores e autoras dos capítulos que se seguem analisam aspectos da cultura impressa e visual, dos mundos do trabalho, da justiça e da política desvelando a partir de diferentes ângulos o processo histórico em curso no século XIX. As abordagens teórico-metodológicas igualmente diversas atestam a qualidade e vitalidade dos estudos oitocentistas em um momento extremamente difícil para as universidades e, em particular, para as Ciências Humanas no país.

Ainda é difícil medirmos a dimensão do impacto negativo que os cortes de recursos nas agências federais de fomento à pesquisa científica causarão a médio e longo prazo. No caso específico da História, para além dos cortes que

1840. **RIHGB**, Rio de Janeiro, t. 10, 1848.

comprometem a formação de novos historiadores, o Projeto de Lei 4699/12 do senador Paulo Paim (PT-RS), que regulamenta nossa profissão, foi vetado na íntegra em abril de 2020. Portanto, é importante destacar que *Os mundos oitocentistas: pesquisas e reflexões sobre o Brasil do século XIX* é o resultado do esforço coletivo de um grupo de Pós-Graduandos engajados em produzir conhecimento histórico em meio a uma série de adversidades.

“Como é que posso com esse mundo?”, nos questiona Riobaldo, citado no início, antes que eu o devolva às estantes. A resposta não é simples. No entanto, tendo ainda sob dos olhos o manuscrito que acabei de ler e entusiasmado com o trabalho destes jovens historiadores do Brasil do século XIX, respondo recorrendo novamente ao jagunço de Guimarães Rosa: “A vida é ingrata no macio de si; mas transtroz a esperança mesmo no meio do fel do desespero”.⁶

Que amanhã seja outro dia.

Rodrigo Camargo de Godoi

Professor de História do Brasil Império na Unicamp

6 ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão...** *Op. cit.*, p. 237.

Apresentação

Nos últimos anos o crescimento do número de pesquisadores sobre o oitocentos brasileiro tem sido acompanhado por uma importante renovação teórica e metodológica na historiografia. Diante da descoberta de novas fontes e da maior facilidade em se obter documentos e livros através da internet, além das facilidades oferecidas por computadores e *softwares*, as pesquisas têm contribuído de forma inovadora para uma já consolidada historiografia oitocentista. Se esforçando e lançando mão de diferentes teorias e metodologias, os novos historiadores tem feito apontamentos importantes sobre a história, o que é ao mesmo tempo sintoma e consequência de um crescimento acadêmico e amadurecimento historiográfico dentre os pesquisadores brasileiros.

Com o objetivo de colocar em evidência algumas pesquisas realizadas sobre o oitocentos brasileiro, essa coletânea reúne estudantes de mestrado e doutorado de diferentes universidades brasileiras. Aqui, pessoas de diferentes regiões e com experiências de vida e históricas das mais diversas escreveram e debateram com o objetivo de colaborar na compreensão de uma história já exaustivamente explorada, mas que graças às novas mentes que diariamente surgem, é constantemente revisada.

Dividido em quatro partes, buscamos apresentar alguns aspectos dos diferentes “mundos” que preencham o Brasil oitocentista. Esses mundos não eram isolados entre si, mas se influenciavam mutuamente, como muitos outros que existiam na mesma sociedade.

A primeira parte trata do mundo das imagens e dos impressos, que tem a ver menos com as fontes utilizadas do que com o papel delas na sociedade da época. O artigo de Cristiane Garcia Teixeira traz ao público a curiosa Sociedade Petalógica do Rossio Grande e uma anedota sobre Napoleão Bonaparte. Com uma interpretação ligada a uma historiografia que recentemente busca entender a história além de limites nacionais, a autora percebe que a mesma anedota circulou por pelo menos doze periódicos de cinco países diferentes. O segundo artigo da seção escrito por Álvaro Saluan da Cunha sobre a cultura visual em torno da Guerra do Paraguai. Compreendendo a iconografia como elementos essenciais para a formação da nação e a construção de discursos nacionais e políticos, o artigo resgata imagens e textos para entender as disputas interpretativas em torno do conflito.

A segunda parte do livro discute sobre o mundo do trabalho. Em um exercício teórico, o capítulo de Arthur Ferreira Reis analisa o discurso de homens importantes para a política brasileira como José Bonifácio, Diogo

Antônio Feijó e Tavares Bastos sobre o fim da escravidão e as propostas para resolver o problema de mão-de-obra que daí adviria.

A terceira seção aborda o mundo da magistratura. Aqui questões políticas e jurídicas se entrelaçam, como não poderia ser diferente, porém o foco das pesquisas se relaciona com a cultura jurídica da época bem como a construção das leis. O capítulo de Anna Luíza Satório Bacellar e Miryã Bregonci da Cunha Braz discute a formação e transformação da cultura jurídica brasileira ao longo do século XIX. Abordando os diferentes códigos e constituições, podemos perceber que tais legislações não são resultados unicamente de aspectos modernos, mas também de elementos antigos, como a sobrevivência de resquícios medievais. Já o artigo de Leonardo Barros de Souza trata dos debates em torno do Primeiro Código Civil Brasileiro tendo em vista a trajetória e atuação de Augusto Teixeira de Freitas. Percebe-se através da atuação de Freitas avanços e recuos no governo em relação ao seu projeto e o contexto em que escreveu suas duas grandes obras, *Consolidação* e *Esboço*.

Por fim, a última parte trata do mundo da política. Presente de forma marcante em todas as seções anteriores, os artigos aqui acomodados tratam da prática e atuação política como forma de interpretar e influenciar o mundo diariamente. O interessante artigo de Fernando Santa Clara Viana Júnior analisa as interseções entre política e hábitos alimentares a partir dos classificados da *Gazeta do Rio de Janeiro*. Seu objetivo é discutir a emergência de novos hábitos alimentares e culturais como reflexo da cultura social dos áulicos servindo ao mesmo tempo com formas de segmentação social e afirmação do Antigo Regime português no Brasil. O capítulo da coletânea escrito por Cecília Siqueira Cordeiro, que tratou do projeto de Antônio Carlos de Andrada para os governos provinciais na constituinte de 1823. Através de uma atenta análise dos diários da constituinte, foi possível perceber a dura oposição sofrida pelo projeto de Antônio Carlos por vários grupos da constituinte, um reflexo do desgaste dos Andradas na época. Ademais, a autora conclui afirmando que o projeto aprovado na assembleia tinha um caráter moderado uma vez que conciliava o modelo tradicional com certa ingerência do Imperador com o novo modelo pautado no direito de representação popular. Por fim, o último capítulo da coletânea traz à tona a dinâmica da província do Espírito Santo durante o processo de independência. Resultado de um trabalho escrito por Fabíula Manhães e Jorge Vinícius Vianna, através da análise dos ofícios da Junta do Espírito Santo os autores identificam as expressões identitárias que permeavam o discurso das autoridades. Assim, ao mesmo tempo em que interessantes aspectos da política regional são apontados, elementos importantes para a melhor compreensão do que os autores chamaram de “mosaico de identidades políticas” permeiam o escrito.

Por fim, convidamos o leitor a se aventurar na leitura dessa obra. Iniciativa e realização de estudantes de pós-graduação do Brasil, ela surgiu do diálogo e da percepção de que interesses semelhantes nos aproximam e nos guiam. Assim como para nós foi um prazer participar desse projeto, esperamos que seja um prazer para você, leitor, participar do projeto com sua leitura e opinião.

